

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

O Evangelho de Lucas

Lição 10 - "A chegada em Jerusalém".

Lucas caps. 19 e 20.

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Caros ouvintes: pela graça de Deus estamos mais uma vez juntos para o prosseguimento desta série de estudos no Evangelho de Lucas, enfatizando hoje o texto sagrado dos capítulos 19 e 20.

A jornada em direção a Jerusalém está chegando ao seu final. Ao se aproximar de Jericó, ainda no relato do final do capítulo 18, Jesus restaurou a vista daquele que ficou conhecido nas escrituras como o cego de Jericó. Essa é a última intervenção de Jesus, atuando em resposta ao clamor de necessitados. A seguir, Jesus entra em Jericó, onde Lucas registra o significativo encontro com Zaqueu. E então, já vemos Jesus se aproximando das vilas de Betfagé e Betânia, nos arredores da cidade santa, e ainda no texto separado para hoje veremos entrando em Jerusalém e lá ministrando e ensinando nos seus últimos dias de vida.

A bela e tão conhecida história do pequeno publicano Zaqueu nos leva a considerar sobre a importância que Lucas reserva no seu relato para as casas que se abriram para receber o Mestre, tal como Zaqueu fez. Tanto quanto hoje, naqueles tempos abrir a casa para receber alguém significava muito mais do apenas um ato de hospitalidade. Ser recebido significava ser aceito, ser reconhecido e compartilhar do círculo mais íntimo de quem recebe. Uma identidade é estabelecida. Implicitamente, o provérbio popular de nossos dias se aplicava: "Disse-me com quem andas e direi quem és".

Nas ocasiões que o Mestre atendeu aos convites para ser hospede criou-se desconforto, quer para os hospedeiros, quer para aqueles que presenciavam a recepção. Assim foi com Levi (5.29-32). Assim foi com o fariseu Simão (7.36-49). Assim foi com outro fari-

seu, no caminho para Jerusalém (11.37-44). E, assim também com Zaqueu. A multidão, e as lideranças religiosas em particular, não concebiam que alguém que se apresentava como um profeta enviado de Deus, como Jesus, se sujeitasse a misturar-se com pessoas que não eram referência em termos de conduta moral e espiritual. Jesus, por seu lado, queria sempre deixar claro a abrangência do evangelho que anunciava, como fez nesse episódio na casa de Zaqueu: "*Hoje houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido*" (19.9-10).

Esse encontro foi seguido pela parábola das dez minas. Vemos que com ela Jesus desejou aplacar a expectativa dos que o acompanhavam sobre a proximidade do reino de Deus. Parece que para muitos essa jornada em direção à Jerusalém significaria o ápice do ministério de Cristo, com o cumprimento das esperanças messiânicas de um restaurado e forte reino da descendência de Davi. Como sempre, é mais fácil ouvir o que desejava ouvir e não ouvir o que se está sendo dito. A parábola nos ensina sobre fidelidade na espera, portanto, fé persistente no aguardo do completo cumprimento das promessas bíblicas. Ela ensina também sobre a rejeição que Cristo viria a sofrer.

A partir do verso 28 o cenário de viagem se finda e é a perspectiva de Jerusalém que se coloca nitidamente à frente. Quando comparamos o relato que cada evangelista faz dessa última chegada de Jesus a Jerusalém, percebemos que Lucas coloca a ênfase no lamento de Jesus ao ver a cidade, enquanto os outros evangelistas centram o relato na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Essa é a segunda vez nesse evangelho que o Mes-

tre se compadece da cidade ao antever o que haveria de acontecer com ela (vide 13.34-35). O rei da paz tinha chegado à cidade, mas ele seria rejeitado, até que a cidade seja capaz de reconhecer “*Bendito o que vem em nome do Senhor.*” (13.35).

Entrando em Jerusalém, Jesus se dirige ao templo onde haverão de ocorrer os últimos e decisivos confrontos com as autoridades religiosas a respeito da legitimidade da obra e dos ensinamentos do Mestre. Em resumo Lucas narra a expulsão dos vendedores do templo, nos informando que a presença de Jesus ensinando no templo atraía a atenção absoluta do povo, tornando mais difícil os planos dos escribas e líderes de eliminá-lo.

O capítulo 20 é despendido no relato de cinco confrontos de Jesus com os líderes religiosos. Revejamos:

1 – a fonte da autoridade de Jesus. Os sacerdotes, escribas e anciãos queriam ouvir da boca de Cristo uma declaração que pudesse ser classificada como blasfêmia contra Deus. Pensavam que ao Jesus se declarar no templo como o Filho de Deus teriam razão suficiente para incriminá-lo, e assim, questionam o Mestre a respeito da fonte de sua autoridade. Jesus sabiamente retruca com outra pergunta, que era de grande dificuldade para seus interlocutores, indagando a respeito da origem do batismo de João.

2 – a parábola dos maus lavradores. Essa parábola é uma clara afronta à liderança religiosa. Israel sempre foi exemplificada como a vinha amada de Deus (vide Sl.80:14; Is cap.5), e a ilustração de Jesus deve ter sido claramente entendida.

3 – A questão dos impostos. A próxima articulação da liderança foi de tentar colocar Jesus contra a autoridade romana dominante, levando o Mestre a promover a sedição, reprovando o pagamento dos impostos, ou tornando-se impopular com o povo por aprovar a imposição financeira de Roma sobre os judeus. A resposta do Mestre ressalta a natureza espiritual do seu reino, dei-

xando seus interlocutores admirados com sua resposta.

4- A ressurreição. Os seduceus eram uma das seitas dos judeus, conhecidos por não aceitarem a ressurreição. É deles que parte a próxima artimanha contra Jesus, através de uma hipotética situação embaraçadora, de uma viúva de sete irmãos. De novo Jesus ressalta que as coisas espirituais e celestiais não podem ser aquilatadas pelos padrões mundanos.

5- A natureza do Cristo, filho de Davi. É o próprio Cristo que coloca em retórica o último questionamento, indagando como pode o Cristo, que significa o ungido, o Messias, ser filho de Davi? Devemos entender que aqui Jesus estava ressaltando a sua natureza humana, como descendente de Davi, ao par de sua natureza divina, como o Messias ungido de Deus.

As palavras finais de Jesus, contra os escribas devem ser continuamente um alerta para nós, nos advertindo contra uma liderança religiosa que aprecia a ostentação, quer seja de trajes chamativos, quer seja de saudações pomposas, baseadas em títulos e honrarias auto atribuídas imerecidamente. Os tempos mudaram, mas o espírito mundano e errado da liderança farisaica continua querendo o seu destaque. A grande lição que os ensinamentos de Jesus nos transmitem é que tais coisas não são da natureza do verdadeiro cristianismo.

Apeguemo-nos ao puro evangelho, e afastemo-nos das ciladas e dos desvios daqueles que somente buscam o seu proveito próprio.